

Laços e Desenlaces na Literatura

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2019

Ivan Vale de Sousa
(Organizador)

Laços e Desenlaces na Literatura

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Natália Sandrini
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L144	Laços e desenlaces na literatura [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-496-2 DOI 10.22533/at.ed.962192407 1. Literatura – Estudo e ensino. 2. Teoria literária. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 801.95
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Qual seria a necessidade de ensinar literatura na atualidade? Por onde começar o processo de reflexão literária na escola? De que forma? Por que propor uma educação literária urgente?

As respostas para estas questões que abrem a apresentação desta coletânea podem ser encontradas nos vinte e sete capítulos que dão forma à obra, visto que todas as reflexões partem de diferentes concepções, embora tenham um único propósito: orientar o processo de formação dos leitores nas diversas trajetórias da narração. Assim, serão apresentados os sentidos que cada um dos trabalhos traz para o processo de formação dos leitores.

No primeiro capítulo são relatados os resultados da implementação de uma sequência didática realizada com estudantes do sexto ano do ensino fundamental. No segundo capítulo o autor problematiza as questões de ensino e aprendizagem de literatura na contemporaneidade, seu espaço na sala de aula e propõe a realização de uma oficina de leitura literária com a finalidade de contribuir na ampliação dos perfis de leitores. No terceiro capítulo a literatura e a cultura são utilizadas nas aulas de língua estrangeira como sendo uma das muitas possibilidades de ensino.

No quarto capítulo são problematizadas as questões do gênero fantástico na arquitetura. No quinto capítulo, além de relatar e inspira outros docentes dos anos finais do ensino fundamental quanto ao uso do livro-jogo em sala de aula. No sexto capítulo discute-se a ideia de nação e identidade em uma abordagem comparativa.

No sétimo capítulo há a problematização do quanto há de retórico e estético na inclusão das evidências históricas no código linguístico narrativo e isso permite problematizar a estabilidade do conhecimento histórico. No oitavo capítulo parte-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina*, de Patativa do Assaré. No nono capítulo há o apontamento das relações entre cinema, psicanálise e literatura na análise de *Blade Runner e Inteligência Artificial* enlaçadas em Philip K. Dick e Brian Aldiss Freud com *A interpretação dos sonhos* e Lacan com seus estudos acerca do desejo.

No décimo capítulo analisam-se, comparativamente, aspectos da obra *Cidades Mortas*, de Monteiro Lobato e do romance *Malhadinha*, do escritor piauiense José Expedito Rêgo, sobretudo quanto ao ponto de intersecção temática. No décimo primeiro capítulo é feita uma análise sincrônica da ciberpoesia do web-poeta português Antero de Alda e o estilo Barroco, considerado como a primeira manifestação literária, genuinamente, brasileira. No décimo segundo capítulo analisam-se os poemas de José Craveirinha, poeta Moçambicano a partir da teoria da narrativa de viagens por Buesco, 2005, em que trata como a problemática da viagem tem sido fundamentalmente discutida nos estudos literários, apresentando como a imagem poética constrói-se pelo viés da linguagem.

No décimo terceiro capítulo aponta-se como memória individual e coletiva

exerce influência para construir uma identidade cultural e, por último, uma identidade nacional. No décimo quarto capítulo problematiza-se e compara-se a composição dos elementos do gênero fantástico nas obras *Aura*, de Carlos Fuentes e *A outra volta do parafuso*, de Henry James, levando-se em conta a utilização de aspectos atribuídos tradicionalmente ao imaginário feminino na tessitura dos contos. No décimo quinto capítulo discute-se as condições da representação feminina a partir do gênero carta.

No décimo sexto capítulo demonstra-se o erotismo nas principais personagens femininas da obra *Cien años de soledad*, de Gabriel García Márquez. No décimo sétimo capítulo expõe-se uma investigação do *Teatro da Crueldade*, de Antonin Artaud em diálogo com o pensamento nietzschiano acerca do *Trágico* que, por sua vez, reafirma-se com e na presença do deus Dioniso. No décimo oitavo capítulo recuperam-se alguns momentos da história do naturalismo no teatro português, entre 1870 e 1910 trazendo para discussão autores, peças, críticos e teóricos coevos.

No décimo nono capítulo analisa-se como o autor Abdias Neves constrói a cenografia e se posiciona mediante suas produções discursivas literárias na obra *Um manicaca*, 1985. Além disso, nos estudos da Análise do Discurso Literário, o posicionamento do autor é marcado por uma tomada de posição e uma ancoragem em um espaço conflitualístico. No vigésimo capítulo são expostos detalhes dos elementos poéticos que foram o fio condutor do experimento cênico evidenciando uma interação direta com o espaço e as reminiscências que surgem quando o movimento do texto no corpo instaura conexões com memórias coletivas e individuais. No vigésimo primeiro capítulo realiza-se uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em *Selva Trágica*, 1959, constituindo-se um testemunho de época, a História dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, propondo uma interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia Matte Larangeira.

No vigésimo segundo capítulo aborda-se um pouco da vida de Stanislaw Ignacy Witkiewicz - o Witkacy (1885-1939) e também da sua “teoria da Forma Pura”. No vigésimo terceiro capítulo investigam-se as relações estabelecidas e os sentidos engendrados entre o conto *Entre santos*, 1896, de Machado e o *Diálogo dos mortos*, de Luciano. No vigésimo quarto capítulo analisa-se um dos contos mais emblemáticos de Lawrence, *O Oficial Prussiano*, no que diz respeito à homoafetividade reprimida de dois personagens da trama, *Herr Hauptmann*, um oficial e um jovem soldado sob seu comando, Schöner, que só conseguem exprimir seus desejos por meio da violência física e psicológica.

No vigésimo quinto capítulo investigam-se as diferenças existentes entre o enredo do romance *Um estudo em vermelho*, de Arthur Conan Doyle e da adaptação da obra para o primeiro episódio da série de TV Sherlock (BBC), intitulado “Um estudo em rosa”. No vigésimo sexto capítulo relata-se e analisa-se uma experiência poético-sociológica desenvolvida na disciplina Sociologia para o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos, em duas escolas públicas da cidade de Sertãozinho,

São Paulo. E, por fim, no vigésimo sétimo capítulo abordam-se as formas de resistência da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis em uma de suas obras poéticas.

Com a leitura de todos os vinte sete capítulos apresentados e organizados nesta coletânea algumas respostas serão produzidas às questões que deram as boas-vindas aos leitores desta coleção, pois somente assim é que será possível compreender os laces e desenlaces da leitura literária na formação de leitores.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
FORMAÇÃO DO ALUNO-LEITOR: UMA PROPOSTA VIÁVEL	
Camila Augusta Valcanover	
Elisa Maria Dalla-Bona	
DOI 10.22533/at.ed.9621924071	
CAPÍTULO 2	13
ENSINAR E APRENDER LITERATURA HOJE	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.9621924072	
CAPÍTULO 3	24
LITERATURA E CULTURA NAS CLASSES DE ESPANHOL COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA	
Melina Xavier de Sá Morais	
DOI 10.22533/at.ed.9621924073	
CAPÍTULO 4	34
A (DES)CLASSIFICAÇÃO DO GÊNERO FANTÁSTICO NA ARQUITETURA	
Aline Stefania Zim	
DOI 10.22533/at.ed.9621924074	
CAPÍTULO 5	43
A APLICAÇÃO DO “LIVRO-JOGO” EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
Pedro Panhoca da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9621924075	
CAPÍTULO 6	51
A IDEIA DE NAÇÃO E IDENTIDADE AMERÍNDIA EM <i>MAÍRA E O RASTRO DO JAGUAR</i>	
Cíntia Paula Andrade de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.9621924076	
CAPÍTULO 7	59
A RETÓRICA DA EVIDÊNCIA	
Henrique Carvalho Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.9621924077	
CAPÍTULO 8	66
AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM <i>INSPIRAÇÃO NORDESTINA</i> DE PATATIVA DO ASSARÉ	
Ernane de Jesus Pacheco Araujo	
Silvana Maria Pantoja dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.9621924078	
CAPÍTULO 9	77
<i>BLADE RUNNER</i> E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: INTELIGÊNCIA LIBIDINAL E A LITERATURA DE FICÇÃO	
Roseli Gimenes	
DOI 10.22533/at.ed.9621924079	

CAPÍTULO 10	89
DECADÊNCIA: UM PONTO DE INTERSECÇÃO ENTRE <i>CIDADES MORTAS</i> DE MONTEIRO LOBATO E <i>MALHADINHA</i> DE JOSÉ EXPEDITO RÉGO	
Elimar Barbosa de Barros José Wanderson Lima Torres	
DOI 10.22533/at.ed.96219240710	
CAPÍTULO 11	103
ECOS DO BARROCO NA CIBERPOESIA CONTEMPORÂNEA DE ANTERO DE ALDA	
Bruna Messias de Oliveira Hevellyn Cristine Rodrigues Ganzaroli Leonardo José Rodrigues Nádia Vieira Simão Pâmela Natiele Pereira Bispo Viviane Ellen Araújo Pereira Débora Cristina Santos e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.96219240711	
CAPÍTULO 12	111
ENTRE POESIA, VIAGEM E ESPAÇOS: REFLEXÕES SOBRE A POESIA DE JOSÉ CRAVEIRINHA	
Vanessa Pincerato Fernandes Marinei Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.96219240712	
CAPÍTULO 13	123
MEMÓRIA, IDENTIDADE E NACIONALISMO ÉTNICO E CÍVICO EM NARRATIVE OF THE LIFE OF FREDERICK DOUGLASS, AN AMERICAN SLAVE, WRITTEN BY HIMSELF	
Nilson Macêdo Mendes Junior	
DOI 10.22533/at.ed.96219240713	
CAPÍTULO 14	134
FASCÍNIO E TERROR: AS FIGURAS FEMININAS EM <i>AURA</i> DE CARLOS FUENTES E <i>A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO</i> DE HENRY JAMES	
Danielli de Cassia Morelli Pedrosa Ana Lúcia Trevisan	
DOI 10.22533/at.ed.96219240714	
CAPÍTULO 15	145
RECEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA CONDIÇÃO FEMININA EM: <i>RESPOSTA A SÓROR FILOTEA DE LA CRUZ</i>	
Margareth Torres de Alencar Costa	
DOI 10.22533/at.ed.96219240715	
CAPÍTULO 16	151
O EROTISMO NAS PERSONAGENS FEMININAS EM <i>CIEN AÑOS DE SOLEDAD</i> , DE GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ	
Margareth Torres de Alencar Costa Thiago de Sousa Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.96219240716	

CAPÍTULO 17	160
A POTÊNCIA TRÁGICA-DIONISIÁCA NO TEATRO DA CRUELDADE DE ANTONIN ARTAUD	
Rodrigo Peixoto Barbara	
DOI 10.22533/at.ed.96219240717	
CAPÍTULO 18	171
O TEATRO NATURALISTA EM PORTUGAL (1870-1910)	
Claudia Barbieri Masseran	
DOI 10.22533/at.ed.96219240718	
CAPÍTULO 19	181
A CENOGRAFIA E O POSICIONAMENTO DO AUTOR NO DISCURSO LITERÁRIO DE <i>UM MANICACA</i>	
Érica Patricia Barros de Assunção	
João Benvindo de Moura	
DOI 10.22533/at.ed.96219240719	
CAPÍTULO 20	192
CONVERSAS DE UM POETA COLECIONADOR: A TRANSPOSIÇÃO DA LITERATURA BENJAMINIANA EM DRAMATURGIA PARA O MONÓLOGO “HAVERES DA INFÂNCIA; UM POETA COLECIONADOR”	
Erika Camila Pereira dos Santos	
Cláudio Guilarduci	
DOI 10.22533/at.ed.96219240720	
CAPÍTULO 21	203
OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE	
Jesuino Arvelino Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.96219240721	
CAPÍTULO 22	213
STANISLAW IGNACY WITKIEWICZ – A FORMA PURA E O ÊXTASE MÍSTICO PELA ARTE	
Andrea Carla de Miranda Pita	
DOI 10.22533/at.ed.96219240722	
CAPÍTULO 23	221
UM DIÁLOGO DOS MORTOS À BRASILEIRA	
Iasmim Santos Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.96219240723	
CAPÍTULO 24	232
A VIOLÊNCIA E A HOMOAFETIVIDADE REPRIMIDA NO CONTO <i>O OFICIAL PRUSSIANO</i> , DE D. H. LAWRENCE	
Iêda Carvalhêdo Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.96219240724	
CAPÍTULO 25	241
<i>UM ESTUDO EM VERMELHO</i> VERSUS “UM ESTUDO EM ROSA”: ARTHUR CONAN DOYLE E UMA ADAPTAÇÃO TELEVISIVA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
Wander Nunes Frota	
DOI 10.22533/at.ed.96219240725	

CAPÍTULO 26	251
“O IMPORTANTE PARA O TRABALHADOR É SABER DO SEU VALOR”: ESCRITAS DE SI COMO INSTRUMENTOS DE RESSIGNIFICAÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE ESTUDANTES- TRABALHADORES	
Patricia Horta Livia Bocalon Pires de Moraes	
DOI 10.22533/at.ed.96219240726	
CAPÍTULO 27	263
“CANTA, POETA, A LIBERDADE, - CANTA”: A VOZ POÉTICA AFRO-BRASILEIRA DE MARIA FIRMINA DOS REIS	
Juliana Carvalho de Araujo de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.96219240727	
SOBRE O ORGANIZADOR	270
ÍNDICE REMISSIVO	271

AS REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO EM *INSPIRAÇÃO NORDESTINA* DE PATATIVA DO ASSARÉ

Ernane de Jesus Pacheco Araujo

Instituto Federal do Maranhão - IFMA/
Campus Barreirinhas, Departamento de Ensino
Profissional, São Luís – Maranhão.

Silvana Maria Pantoja dos Santos

Profa. de Literaturas de Língua Portuguesa da
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA e da
Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Profa.
dos Programas de Pós-Graduação em Letras de
ambas universidades.

RESUMO: Este trabalho constitui-se de uma análise das representações do sertão na obra poética *Inspiração Nordestina* (2003) de Patativa do Assaré. Fundamenta-se em Melo (2011), para se compreender que o sertão não é uno, mas múltiplo; em Bachelard (2008), para se entender como ocorre a relação do eu poético com o lugar de pertencimento. Na obra patativana perpassam várias representações do espaço: o sertão da seca, o sertão fértil da Serra de Santana, o sertão enquanto campo em oposição à cidade além do sertão como manifestação artística, cujos sentidos se constroem na relação com o sujeito poético.

PALAVRAS-CHAVE: Sertão; Patativa do Assaré; Representações.

THE REPRESENTATIONS OF THE SERTÃO IN *INSPIRAÇÃO NORDESTINA* DE PATATIVA

DO ASSARÉ

ABSTRACT: This article is an analysis of the representations of the sertão into poetic book *Inspiração Nordestina* (2003), by Patativa de Assaré. It has basis in Melo (2011), to understand that the sertão is not single, but multiple; in Bachelard (2008), to understand how the relation between the poetic self and place of belonging. In the Patativa piece, goes through different spaces representatives: the sertão in dry, the fertile sertão of Serra of Santana, the opposition between sertão and city, besides the artistic expression in it, whose the meaning is constructed with the poetic self.

KEYWORDS: Sertão; Patativa de Assaré; Representations

1 | INTRODUÇÃO

O espaço na literatura assume formas que ultrapassam o plano físico, comportando outras dimensões, de modo que adquire valores e sentidos diversos. Neste sentido, o espaço apresenta a função de elemento constitutivo da subjetividade, participando do processo de construção da identidade do sujeito.

O espaço que este trabalho se propõe a pensar é o *sertão*, o qual se mostra enquanto lugar geográfico, histórico, linguístico, cultural e também imaginário, constitutivo da identidade

sertaneja. O sertão revela-se de forma relacional, de modo que o homem e o lugar que habita tornam-se uma unidade indissociável, ambos se implicam, se modificam e se definem.

Etimologicamente, a palavra *sertão* advém do latim *De-sertum*, “o que sai da fileira”, que na linguagem militar se refere àquele que deserta, dessa maneira, *desertanum* significa o lugar desconhecido, onde o desertor se refugia. O sertão pode ser ainda entendido como corruptela de *desertão* “deserto grande”, *desertus* (interior), o modo como os portugueses chamavam os lugares despovoados da África. Um outro sentido também do latim *sertanus*, que se referente à bosque, mata, pode também fazer alusão a regiões desabitadas.

Segundo Adriana Ferreira de Melo (2011), existe uma diversidade de sertão, sendo que o relativo à seca tornou-se a representação que mais se consolidou no imaginário popular. “É por reunir tantas espacialidades, lugares, paisagens e significações distintas que se pode dizer que ‘o sertão é do tamanho do mundo.’ Um lugar migrante, transescalar, descontínuo, que não se localiza em um único ponto, mas em toda parte, por isso ‘o sertão é sem lugar’”. (MELO, 2011, p. 85).

Neste sentido, percebe-se que existem vários sertões. O sertão da cana-de-açúcar de José Lins do Rego; o de Canudos de Euclides da Cunha; o da seca de Rachel de Queiroz; o do cangaço e dos jagunços de Guimarães Rosa. O sertão pernambucano, baiano, mineiro, cearense, maranhense. São várias representações coletivas de um espaço que constitui a identidade do sujeito que nele se insere. Neste trabalho, analisa-se o sertão que se apresenta na obra poética *Inspiração Nordestina* (2003) de Patativa do Assaré, na qual se manifestam diversas representações do sertão, a partir do olhar e das relações que o eu lírico estabelece com esse espaço, onde constrói suas vivências, experiências e memórias.

2 | O SERTÃO DE SERRA DE SANTANA E DE ASSARÉ

Serra de Santana é uma região rural do município de Assaré que dista 18 km da sede. Lá nasceu o poeta Patativa do Assaré, lugar em que teve seu contato inicial com o mundo, com as pessoas, com o cordel, com a cantoria, com a dor (morte do pai), com o trabalho na roça e onde desenvolveu a sua paixão pela poesia. Luiz Tadeu Feitosa (2003, p. 110) diz que “em sua poética, a Serra de Santana aparece como um espaço privilegiado, lugar idílico, o lugar do nascimento do homem e do poeta”. A natureza do lugar despertou-lhe para seu nascimento enquanto poeta, foi um livro aberto onde Patativa leu o mundo.

Segundo Bachelard (2008), o homem estabelece uma forte relação com o espaço de referência, ao ponto de o espaço transmitir sensação de proteção aos seus habitantes. Percebe-se os vínculos de Patativa com a Serra de Santana, seu lugar de nascimento, seu sertão. Em entrevista concedida a Gilmar de Carvalho

(2000, p.12), Patativa fala da sua serra:

Posso dizer que é o meu paraíso, viu? Ali eu nasci em mil e novecentos e nove, no dia 5 de março. Sou filho de um agricultor também muito pobre. E então eu fiquei como que enraizado naquela Serra de Santana — que eu já hoje me tornei conhecido... posso dizer, em todo o Brasil — e todos me querem e têm a maior atenção e tal, mas aquela Serra de Santana num sai aqui do meu coração. Eu vivo aqui no Assaré, mas o coração ficou lá na Serra de Santana, onde eu trabalhei muito até a idade de sessenta e tantos anos, trabalhando de roça...

O lugar de origem e de vivência condiciona ao poeta uma *performance* única, espaço e sujeito encontram-se. Desse espaço o poeta recebe uma energia que lhe possibilita uma criação poética singular, ligada à terra, de onde brota a poesia junto com o milho e o feijão, numa relação em que natureza e cultura se comunicam dialeticamente, como se percebe na seguinte estrofe do poema *Assaré*:

No meu sertão
[...]
Eu sou fio de Assaré,
Onde viveu meu avô,
Lugá do meu nascimento
Que fica no interiô,
De junto do Cariri.
Nasci e me criei ali,
[...]
(ASSARÉ, 2003, p. 123)

O lugar de origem do poeta carrega uma tradição, uma genealogia, uma história. Essa memória genealógica particular e social, inserida no espaço de *Assaré*, constituiu-se de uma referência para o eu lírico, convertendo-se numa forma de habitar, da qual fala Bachelard (2008). Habita-se o espaço não apenas geograficamente, mas através de uma ancestralidade, de uma memória familiar. Nesse sentido, cada indivíduo garante a continuidade e a reconstrução da memória do seu lugar de origem.

Percebe-se que Serra de Santana carrega uma concepção diferente de sertão nas poesias de Patativa, ampliando-se para além da ideia de seca, deserto e escassez. Segundo Melo (2011, p. 80), “o sertão se estende para muito além do espaço infértil, pobre, árido e áspero do deserto [...] o sertão apresenta-se, também, como lugar da riqueza e da fartura.” Dessa forma, a autora desconstrói a concepção unívoca do sertão enquanto espaço da seca. Evidencia-se essa desconstrução do sertão da seca no poema a seguir, pois o sertão assareense é diferente daquele que se consolidou no imaginário popular.

[...]
Quando há seca no sertão,
Que a crise se multiplica,
O meu Assaré não fica

Exposto a grande aflição,
Atrás de comprar feijão
Vêm comboieiros até
Lá da zona do Areré,
E não voltam sem o artigo,
Quem quiser ser meu amigo
Não fale mal de Assaré.
(ASSARÉ, 2003, p. 241)

A cidade de Assaré possui um clima tropical quente semiárido, inserida numa região de serras, na bacia hidrográfica do Alto Jaguaribe, tendo o rio dos Bastiões como principal e a Barragem de Canoas que abastece a cidade. Sua principal atividade econômica é a criação de bovinos e aves. Praticam-se também a agricultura de subsistência, como o cultivo do milho e do feijão. Além disso, há monocultura de algodão, piscicultura e artesanato.

A Serra de Santana em Assaré, por sua vez, assim é descrita por Carvalho (2011) como lugar idílico, sertão elevado, com muitas pedras, doze lagoas, algumas permanentes, chão fértil, energia elétrica, escola, ônibus escolar que conduz os mais adiantados para a sede do município e um posto telefônico que ostenta, em placa de bronze, o nome de Patativa do Assaré. Atualmente, tem a escola de ensino médio Patativa do Assaré.

Desse modo, considerando a sua localização geográfica, a rede hidrográfica, as condições climáticas, a atividade econômica, os serviços e estrutura, quando chega o tempo de estio, a cidade de Assaré não é castigada severamente pela seca, como ocorre em outras regiões do Ceará e do Nordeste. Ela, inclusive, atende as necessidades dos flagelados no período de estiagem, sendo que se constitui em outro sertão, diferente dos “sertões de areia seca rangendo debaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e cavalos angulosos. As sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol.” (FREYRE, 2004, p.45). Portanto, constrói-se uma outra representação para o sertão, desconstruindo a representação unívoca da seca, possibilitando uma nova abertura semântica para se compreender o que é o sertão nordestino.

3 | O SERTÃO DA SECA

No Brasil Colonial, a palavra sertão, passou a se referir ao interior, em oposição ao litoral. Os portugueses, quando aqui chegaram, inicialmente, não conseguiram desbravar o território além litoral, entendido como lugar de selvagens, do desconhecido, do estranho: a este lugar chamaram de sertão. No final do século XIX e início do XX, o conceito de sertão passa a ser ressignificado, associando-se à seca, principalmente depois da grande seca de 1915 que assolou a Região Nordeste do país, causando o movimento migratório dos habitantes do lugar em busca de

sobrevivência. Esse sertão da seca foi representado por Rachel de Queiroz na obra *O Quinze* (1930), em que uma família de sertanejos é forçada violentamente, pela estiagem, a abandonar sua terra em busca de sobrevivência. É representado também pictoricamente por Candido Portinari na série *Retirantes*, compostas por obras como *Retirantes*, *Criança Morta e Enterro na Rede*. O poema que segue mostra essa ideia que circula no imaginário popular.

A Triste Partida

Setembro passou, com outubro e novembro,
Já tamo em dezembro.

Meu Deus, que é de nós?

Assim fala o pobre do seco Nordeste,

Com medo da peste,

Da fome feroz.

[...]

Apela p'ra maço, que é o mês preferido

Do Santo querido,

Senhô São José.

Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,

Lhe foge do peito

O resto da fé.

[...]

Em riba do carro se junta a fãmia;

Chegou o triste dia,

Já vai viajá.

A sêca terrive, que tudo devora,

Lhe bota pra fora

Da terra natá.

[...]

(ASSARÉ, 2003, p. 51-52)

Para Melo (2011, p.79), “o deserto, a aridez é apenas uma das múltiplas facetas do sertão. Certamente aquela que ficou mais marcada no imaginário social. Costuma-se associar o sertão, mais comumente, apenas aos espaços áridos e pobres, sobretudo do Nordeste”. Neste poema, um dos mais conhecidos de Patativa, que tornou-se emblemático na voz de Luiz Gonzaga, revela-se uma faceta do sertão: a aridez, o deserto, a seca. A voz lírica narra a saga de uma família que é expulsa da sua terra pela seca que castiga o sertão, empreendendo uma viagem em direção ao Sudeste para a cidade de São Paulo, vista como a terra prometida. Entretanto,

ao chegarem à cidade, tornam-se escravos do capitalismo, acumulando dívidas que jamais pagarão, perdendo a esperança de um dia regressar a sua terra natal.

Essa representação espacial do sertão tornou-se hegemônica, passando a habitar o imaginário do brasileiro a tal ponto, que se transformou em caricatura e estigma, como se este fosse o único sertão. Como confirma Vicentini (2007, p. 195),

Esses outros usos e nomenclaturas fizeram com que a palavra sertão se aliasse muito mais à seca nordestina que a qualquer outra região do país, implantando certo monopólio de sentido que, desde Euclides da Cunha, tentava se firmar e que os meios de comunicação de massa acabaram por determinar. Hoje, sertão é muito confinado ao Nordeste do país.

Seguindo esse monopólio de sentido que atrela sertão à seca, o eu lírico assim desenha esse sertão: *seco, com peste, a fome é feroz, só [sol] bem vermêio, sem chuva, sem fé*. É hostil, não tem água e o sol é escaldante, é assolado pela fome e pelas doenças; a esperança, única coisa que o sujeito poético ainda possui, vai morrendo à medida que os meses passam e não cai nenhuma gota de água, com isso *lhe foge do peito/O resto da fé*, até esvair-se completamente e nada sobrar. Ante esse quadro, o sertanejo decide: ficar e morrer ou sair e tentar sobreviver porque a natureza está decidida a expulsá-lo ou matá-lo. Nesta luta entre o homem e o meio, só tem um vencedor, por isso, o sertanejo decide sair com a família rumo a São Paulo, em busca de esperança.

[...]

Chegaro em Sã Palo – sem cobre, quebrado.

O pobre, acanhado,

Procura um patrão.

Só vê cara estranha, da mais feia gente,

Tudo é diferente

Do caro torrão.

[...]

Distante da terra tão sêca tão boa,

Exposto à garoa,

À lama e ao paú,

Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo,

Vivê como escravo,

Nas terra do Sú.

(ASSARÉ, 2003, p. 54)

São Paulo, em pleno desenvolvimento urbano e industrial, necessita de mão-de-obra para ser construída. Dessa forma, o sertanejo, ao chegar com a família encontra logo emprego. Entretanto, o trabalho torna-se numa forma de aprisionamento, uma escravidão moderna. O sujeito poético sente profunda tristeza e saudade da terra natal que *as água do oio/ Começa a caí*, porque sua terra mesmo *tão seca, era tão boa*; agora, ele já acumulou tanta dívida que não pode mais regressar. E, assim,

finaliza-se o poema, em forma de lamúria: *Faz pena o nortista, tão forte, tão bravo, / Vivê como escravo, / Nas terra do Sú.*

4 | O SERTÃO EM OPOSIÇÃO À CIDADE

O sertão identifica-se também com o campo, contrapondo-se ao espaço urbano. Na poética de Patativa do Assaré também se percebe essa representação:

No meu Sertão
[..]
Lá no sertão de onde eu venho,
Inté hoje não chegou
Buzina de caminhão
Nem apito de motô;
A vida é bem sossegada,
Sem barúio e sem zoadada,
Por isso eu faço questão
De não morá na cidade,
Foi sempre minha vontade
Vivê e morrê no sertão.
[..]
(ASSARÉ, 2003, p. 124)

De acordo com Melo (2011, p. 79), “O sertão contém o deserto e muitos outros espaços repletos de diferentes paisagens, lugares, territórios”. Desse modo, o sertão apresenta-se nesse poema como um espaço em oposição à cidade. É um lugar onde o tempo transcorre lentamente e o progresso ainda não chegou, como diz o eu lírico: *Inté hoje não chegou/ Buzina de caminhão/Nem apito de motô*. Caminhão, carro ou automotores, no geral, ainda não haviam chegado à região que se utilizava de animais (jumento, cavalo) como meio de transporte, ou tracionados para transportar cargas. A cidade contempla o progresso, a mecanização, a industrialização, a urbanização e a tecnologização. É o espaço do homem “civilizado”. Entretanto, o eu lírico não vê na cidade o melhor lugar para viver, sua preferência é pelo sertão, entendido como o interior, o campo, a zona rural.

Enquanto muitos enxergam a cidade como o modelo de sociedade civilizada, o eu poético encontra nela contradições e desumanidade. Por exemplo: o carro, que por um lado, reduziu o tempo de deslocamento espacial; por outro, produziu um fluxo intenso de veículos, acarretando consequências como a poluição e as mortes decorrentes de acidentes, dentre outras coisas.

A cidade também é percebida como um lugar barulhento, apresenta uma *zoadada mardita*, com *buzina de motô* e *apito de caminhão*. É um espaço de intranquilidade, de desassossego, enquanto o sertão é lugar de calma. Neste, o som que domina

é o da natureza: o canto dos pássaros, o som do vento, da cantoria, da viola, que liga o sujeito ao que há de mais profundo, a sua natureza, trazendo-lhe alegria, paz e felicidade.

O campo evoca uma resposta sentimental, em que o valor se estabelece pela antítese, isto é, o valor do campo (sertão) se constrói à medida que se opõe a sua anti-imagem, a cidade. Neste sentido, na poética de Assaré, sertão e cidade constituem-se pelo antagonismo, formando pares diametralmente opostos, tais como, antigo/moderno, selvagem/civilizado, atraso/progresso, produção rural/industrialização, antigas/novas tecnologias. Nessa relação antitética, o eu poético marca sua posição, constituindo-se como um homem do sertão, que tem suas raízes no campo, sendo este o seu espaço a partir de onde se compreende como sujeito e comunica, através da linguagem e da experiência, sua existência no mundo, construindo, desse modo, sua identidade sertaneja.

5 | O SERTÃO COMO EXPRESSÃO ARTÍSTICA

No poema subsequente, representa-se o sertão como expressão artística de um povo.

Invocação a Leonardo Mota

[...]

No sertão, onde os violeiros
Cantam seus belos amores,
Compondo versos rasteiros,
Com rimas de várias cores.

No sertão, por onde outrora
Andaste, alegre e ditoso,
Escutando, à toda hora,
O som do pinho choroso.

[...]

(ASSARÉ, 2003, p. 16)

O espaço ultrapassa a noção de lugar físico. Segundo Luís Alberto Brandão (2013, p. 110), a voz literária “se descorporifica, desnaturalizando o espaço”. Dessa maneira, o espaço se subjetiviza, tornando-se um lugar de manifestação artística, carregado de valores e sentimentos, que transita entre o temporal e o atemporal. “Trata-se, portanto, de um espaço fundamentalmente subjetivo e movente, migrante, mutante, grafável e rasurável” (MELO, 2011, p. 66). Neste sentido, o eu lírico apresenta o sertão como um lugar de beleza estética, terra de violeiros, cantadores e poetas. Pinta-se outro quadro, mostra-se outra estética, a seca não é o tema central, mas sim a música, a poesia, a arte.

Apesar da não extinção da parte núcleo, os espaços desterritorializam-se. No processo rizomático, as linhas de segmentariedade distanciam-se da raiz e esboçam-se em multiplicidades cada vez mais para longe, rumo ao desconhecido, ou seja, a visão de território na modernidade, tanto em relação aos antigos quanto aos novos espaços tende a ser muito mais múltipla e descontínua. (SANTOS, 2013, p. 152).

A categoria de espaço, portanto, é ressemantizada. A noção de território como espaço mensurável estende seu campo semântico, tornando-se os espaços desterritorializados, ou seja, extrapolam a delimitação geográfica, física, concretamente acessível aos olhos e às mãos, surgindo novas possibilidades, desprendidas do caráter físico, ou que não se limita a ele. É nesse sentido que o sertão, antes entendido somente como espaço físico, torna-se lugar imaginário, desmaterializado, subjetivo. Desse modo, Patativa empreende ao sertão um caráter poético, conferindo-lhe um lugar estético que perpassa pela beleza, música e poesia.

Neste sentido, no poema *Invocação a Leonardo Mota*, a aridez da seca não é o foco do eu poético, e sim a poesia que nasce dela, a inventividade artística dos poetas, violeiros e cantadores sertanejos que encontram beleza na terra, poetizando-a com *rimas de várias cores* e cantando-a ao *som do pinho choroso*. “É possível, ainda, tomar o espaço não em função do que ele supostamente é, mas daquilo que é capaz de provocar.” (BRANDÃO, 2013, p. 111). Desse modo, a dor, a tristeza, os momentos difíceis transformam-se em força, luta, resistência, esperança, vida e poesia; surgem outros espaços que traduzem sentimentos e sensações do eu lírico, por isso, a subjetividade sobrepuja a geograficidade do sertão, sendo constitutiva das identidades sertanejas.

O sertão é o lugar onde habita a música corporificada na viola, na cantoria, no cordel, na poesia. Música vem de *musas*, que está diretamente relacionada ao divino, é um caminho para a reconexão com o *cosmos*, sublimação das adversidades existenciais. A música no sertão torna a vida mais leve, aplaca as dores, dá forças aos sertanejos para resistir às durezas da vida.

O violeiro faz o coração do sertanejo pulsar, cada toque acompanha a batida do coração, o ritmo da viola segue o ritmo da vida, criando uma sincronia entre quem toca e quem ouve, a fragmentação dilui-se no todo sonoro e rítmico, que torna-se uníssono. O canto que sai da boca do violeiro, ao som da viola, emana de alma para alma, fala ao coração dos seus irmãos, cria laços inquebráveis pelo tempo, conexões materiais e imateriais, profundidades melódicas na alma. É o canto da musa. Para Henrique Borralho (2016, p. 20), “as Musas exerciam o papel de ‘lembrar’ homens e mulheres que a vida não se encerra no plano da matéria, logo, as artes, as letras, se ocupariam da função, ainda que sopradas pelas Musas inspiradoras”. Neste sentido, a música, o canto, a viola e a poesia mostram aos sertanejos algo além do plano material, uma dimensão em que a beleza estética sublima a seca, a dor, a tristeza. Essas expressões estéticas são as vozes que relampejam, unificando céu e terra, vida e morte, alma e corpo, barro e água. E, dessa forma, os sertanejos

são concebidos e suas identidades se reconstruem, movidas pela subjetivação do espaço do sertão.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que são várias as representações do sertão na obra *Inspiração Nordestina* (2003), de Patativa do Assaré. Uma delas envolve o sentido usual de lugar da seca entendido como o espaço que hostiliza o homem com as intempéries climáticas e questões político-sociais, o que se pode constatar no poema *A triste partida* em que o eu lírico é expulso de sua terra com sua família em virtude da estiagem, seguindo rumo a São Paulo.

Apresenta-se na obra, ademais desse, o sertão de Assaré, mas especificamente de Serra de Santana, sertão de terra fértil para o cultivo, cortado por rio e riachos, sertão das serras e vales, da fertilidade; verificou-se que se sobressai na poética de Patativa a sua relação afetiva, de enraizamento, com a terra natal, de modo que o sertão assareense torna-se parte constitutiva da subjetividade do eu lírico, por onde perpassam as recordações das suas vivências e seu sentimento de pertencimento a este espaço.

Na poética de Assaré, o sertão também se configura como um lugar de tranquilidade e calma em oposição à cidade, sendo um espaço feliz para se viver. Ele, também, revela-se como lugar de beleza estética, terra de violeiros, cordelistas, cantadores e poetas, ou seja, mostra-se como uma expressão artística de um povo, de forma que ajuda a superar as adversidades cotidianas do sertanejo, através das expressões artísticas.

Desse modo, o espaço desterritorializa-se, assumindo outras possibilidades para além da geograficidade, penetrando na subjetividade do eu poético. Além disso, ocorre uma ressemantização na representação do sertão, que se desprende do sentido habitual da seca, permitindo outras concepções, tais como lugar fértil, lugar de beleza estética e inventividade artística, de maneira que atua, em *Inspiração Nordestina*, diretamente no processo de construção da identidade sertaneja, porque o sujeito é interpretado a partir do seu espaço, o sertanejo vê-se no sertão, está no sertão e nele vive, de modo que se torna um “**SER-TÃO**”.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. *Inspiração Nordestina*. São Paulo: Hedra, 2003.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BORRALHO, Henrique (Org.). *Literatura, Filosofia, História e outras linguagens*. São Luís: Ed. Uema; Café & Lápis, 2016.

BRANDÃO, Luis Alberto. **Teorias do Espaço Literário**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Fapemig, 2013.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa poeta pássaro do Assaré**. Fortaleza: Editora Inside Brasil Ltda., 2000.

_____. **Patativa do Assaré: um poeta cidadão**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

FEITOSA, Luiz Tadeu. **Patativa do Assaré: a trajetória de um canto**. São Paulo: Escrituras, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7 ed. rev. São Paulo: Global, 2004.

MELO, Adriana Ferreira de. **Sertões do mundo, uma epistemologia**.V.1. 2011. 117 f. Tese (Doutorado) Belo Horizonte: 2011. Disponível em:<<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/MPBB-8PJKS3>>. Acesso em: 11 maio. 2018.

SANTOS, Silvana Maria Pantoja dos. **Literatura e memória entre os labirintos da cidade: representações na poética de Ferreira Gullar e H. Dobal**. 2013. 181f. Tese (Doutorado). Recife: 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/bitstream/handle/123456789/11548/Tese%20SILVANA%20MARIA%20PANTOJA%20DOS%20SANTOS.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

VICENTINI, Albertina. Regionalismo literário e sentidos do sertão. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v.10, n.2, p. 187-196, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/view/3140>>. Acesso em: 17 jan. 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação 241

Análise 6, 20, 181, 182, 183, 186, 191, 241

B

Brasileira 5, 50, 102, 105, 169, 250, 263, 265

C

Cenografia 181, 184

Cinema 82, 86, 87

Cultura 33, 76, 86, 87, 121, 132, 133, 150, 180, 250

E

Educação de Jovens e Adultos 6, 251, 252, 253, 262

Ensino 6, 1, 2, 32, 43, 50, 66, 94, 102, 123, 251, 253, 262

Ensino Fundamental 1, 2, 43

Ensino Médio 6, 32, 251, 253, 262

Erotismo 151, 152, 159

Estético 150

Estudos 32, 105, 121, 174, 176, 180, 202

Experiência 194

H

Homoafetividade 232

I

Identidade 123, 132, 135

L

Leitura literária 13

Linguagem 161, 169, 191

Literatura 2, 6, 11, 13, 14, 23, 32, 33, 41, 50, 58, 59, 75, 76, 77, 86, 89, 102, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 120, 121, 134, 136, 150, 183, 191, 203, 204, 240, 253, 254, 263, 265, 269

M

Memória 123, 125, 132, 150, 194

Monteiro Lobato 5, 89, 90, 94, 95, 96, 99

N

Naturalismo 171, 174, 180, 189, 190

O

Obra 116, 117, 119, 121

Oficina 19

P

Pensamento 106, 107, 193

Personagens 30, 151

Psicanálise 86, 87

Q

Questões 102

R

Romance 108, 171, 180

T

Teatro português 171

Texto 9, 10, 24, 34, 77

V

Vida 6, 160, 167, 203, 224

Violência 232

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-496-2



9 788572 474962